

A ESCRITA COMO ENSAIO E A FORMAÇÃO DOCENTE: CONTAR COM OUTROS(AS) E CONTAR A OUTROS(AS)

Dante Diniz Bessa¹

Resumo: O texto tematiza a escrita ensaística na formação docente, afirmando-a como modo de abertura a um tema-problema (conceito de educação e seus componentes), a um tempo (o presente como passado que ainda acontece e futuro já acontecendo) e a outros(as) pensamentos e modos de expressão. Escrever um ensaio exige estudo, pesquisa, diálogo, pensamento e exposição do sentido do que se aprende na própria formação. Tal perspectiva advém da leitura de autores como Georg Lukács, Theodor Adorno, Jorge Larrosa, Carlos Skliar e Pedro Duarte. O pressuposto é de que elaborar um ensaio é ensaiar, ou seja, é experiência do pensar e expressar o pensamento. A experiência do pensar, por sua vez, é concebida como encontro com o não pensado. Encontro que coloca o sujeito em atividade sobre si, de modo a criar e sedimentar saberes e valores que ficam à disposição para outras experiências e para experiências de outros(as). Tal concepção é exposta desde a leitura de autores como Yves Schwartz, Jorge Larrosa, Walter Kohan e Gilles Deleuze. Nesse plano conceitual, surge a ideia de que a escrita ensaística pode contribuir para a formação de uma docência que, dando vida ao que se ensina, é criada ao fazer no ensino com outros(as).

Palavras-chave: experiência do pensar; ensaio; formação docente.

WRITING AS ESSAY AND TEACHER TRAINING: COUNTING ON OTHERS AND TELLING OTHERS

Abstract: This text addresses essayistic writing in teacher education, affirming it as a mode of openness to a problem-theme (the concept of education and its components), to a temporality (the present as a past that still unfolds and a future already in the making), and to other thoughts and modes of expression. Writing an essay requires study, research, dialogue, reflection, and the articulation of the meaning of what is learned for one's own formation. This perspective draws on readings of authors such as Georg Lukács, Theodor Adorno, Jorge Larrosa, Carlos Skliar, and Pedro Duarte. The underlying assumption is that to produce an essay is to rehearse, to engage in the experience of thinking and expressing thought. The experience of thinking, in turn, is conceived as an encounter with the unthought. This encounter places the subject in activity upon oneself, in a way

1 Licenciado em Filosofia; doutor em Educação; professor do Departamento de Fundamentos da Educação da UFPel.

that creates and consolidates knowledge and values that remain available for further experiences and for the experiences of others. This conception is developed through the work of authors such as Yves Schwartz, Jorge Larrosa, Walter Kohan and Gilles Deleuze. Within this conceptual framework, the idea emerges that essayistic writing can contribute to the formation of a mode of teaching which, by giving life to what is taught, is created through the very act of teaching with others.

Keywords: experience of thinking; essay; teacher training.

1 INTRODUÇÃO

Originalmente, este texto foi escrito para orientar docentes em formação inicial a escreverem na forma de ensaio, como quesito de avaliação da aprendizagem, em uma disciplina na área dos fundamentos filosóficos da educação.

Depois, tendo em vista questionamentos que se colocaram em outra situação² e encontros com outros intercessores³, entendeu-se que o texto teria potencialidade para avançar a uma abordagem mais ampla acerca do sentido da escrita ensaística na formação docente, tendo em vista as exigências dessa experiência, por estar situada em um momento histórico de constrangimento e desvalorização do pensar, tanto do ponto de vista ideológico quanto do ponto de vista tecnológico.

É preciso destacar que uma das exigências da experiência de escrever na forma de ensaio é a abertura do(a) ensaísta: abertura a um tema, pela problematização; abertura a um tempo, em que o presente é passado e futuro; e abertura ao pensamento e à escrita de outros(as), no desenrolar do próprio pensar. De certa maneira, a condição para que o pensar do(a)/no(a) ensaísta não se apague é precisamente um certo afastamento do eu. Uma certa doação de si.

A solicitação da elaboração do ensaio como quesito de avaliação, isto é, como momento para organizar e expor aprendizados e ideias próprias, levava em conta dois elementos valiosos à formação docente, tal como a docência é pressuposta, aqui: atividade pela qual se dá vida aos conteúdos de ensino; experimentar, pôr em prática, fazer. Fazer arte, fazer ciência, fazer filosofia ao ensinar, conforme a especialidade disciplinar e/ou em processos interdisciplinares. Para dar vida aos conteúdos de ensino há que se estar preparado(a). Há que ensaiar. Ensaiar a educação a ser feita quando já se está a fazê-la, conceitualmente.

O primeiro elemento valioso diz respeito à possibilidade do(a) ensaísta fazer a docência e fazer-se docente na experiência de pensar e de expressar o pensamento, pois, ao contar com Theodor Adorno (2003), com Georg Lukács (2017), com Jorge Larrosa (2003), com Carlos Skliar (2011), com Pedro Duarte (2016), entre outros(as), pode-se tomar o ensaio como um gênero de escrita no

2 O texto inicial foi o ponto de partida para pensar ações de extensão, ensino e pesquisa do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Experiência do Pensar na Escola (Gepepe), criado na primavera de 2024.

3 Conceito proposto por Deleuze (1992), para dizer um elemento essencial da criação: aquilo que interfere no pensar.

qual o pensamento de quem escreve não é apagado por um modelo de pensar e de escrever previamente determinado, como acontece na maior parte das formas da escrita acadêmico-científica. É nesse sentido que se afirma que escrever um ensaio é ensaiar: é experimentação, é atividade, é trabalho em si (do/no(a) próprio(a) ensaísta), marcado pelo livre pensar e expressar o pensamento. Marcado por um pensar com vida.

O segundo elemento se refere à escrita ensaística como expressão, a um só tempo, do resultado e do processo do pensar no encontro com autores(as) de diferentes campos do saber, que expuseram seus pensamentos em diferentes situações. Encontro que acontece no território ou domínio de um tema-problema. Dessa perspectiva, entende-se que o ensaio é um gênero de escrita com o qual a experiência de pensar e de expressar o pensamento escapa a um sujeito e a um tempo determinados. Ensaíar tem a ver com entrar no movimento do pensar que acontece fora do tempo cronológico, pois, contando com Adorno (2003), com Larrosa (2003) e com Duarte (2016), o ensaísta escreve no presente e para o presente, mas, nesse presente, o passado ainda acontece e o futuro já está acontecendo.

O objetivo da publicação deste texto, portanto, é expor esse sentido do ensaio na formação docente (e na formação acadêmica de maneira geral): experimentar a si mesmo(a) como pensador(a)-escritor(a), que conta com outros(as) pensadores(as)-escritores(as) de todas as épocas, aqui e agora, para contar a outros(as) o que pensa sobre um tema-problema.

Escrever ensaio é bem criar um estilo de docência: um jeito singular de dizer, que possibilita ensinar ao provocar a experiência do pensar e expressar o pensamento em outros(as). Um desafio sempre colocado a docentes interessados(as) em que discentes aprendam mais do que eles e elas podem ensinar.

Para expor tal sentido, o texto foi estruturado de maneira a, contando com Schwartz (2010, 2011), Deleuze (1992), Larrosa (2015) e Kohan (2003), propor um conceito de experiência do pensar e de expressar o pensamento como abertura do sujeito, que sugere a: A) abertura ao que provoca e exige pensar e expressar o pensamento, isto é, abertura a um tema problematizado na vida, contando, neste momento, com Lukács (2017), Adorno (2003), Skliar (2011) e Duarte (2016); B) abertura a um tempo, pois pensar e expressar o pensamento sobre um tema-problema remete à procura de possibilidades de pensar, de uma só vez, no passado e no futuro, no que já foi pensado e dito e no que ainda não foi pensado e dito, contando, agora, com Larrosa (2003), Agamben (2010), Skliar (2011) e Duarte (2016); e C) abertura a outros(as), tanto àqueles(as) com quem se conta para encontrar possibilidades de pensar e expressar o pensamento quanto àqueles(as) para quem se conta a própria experiência de pensar – conta-se com outros(as) e conta-se a outros(as) – contando, por fim, com Adorno (2003), com Deleuze (1992), com Larrosa (2003), com Skliar (2011) e com Duarte (2016). Enfim, contando com os já citados e com outros(as) intercessores, argumenta-se que ensaiar é abertura a um devir-docência.

Escrever um ensaio, experimentar pensar e expressar o pensamento, como ficará mais claro com o desenvolvimento deste texto, é um modo de abrir-se a um processo formativo que contribui para uma docência que (se) cria ao ensinar. Processo que consiste em aventurar-se no desconhecido e na sedimentação de saberes e valores criados na própria aventura.

2 EXPERIÊNCIA DO PENSAR E EXPRESSAR O PENSAMENTO: ENSAIAR

A experiência é formadora? Qual sujeito para qual experiência? São perguntas que Yves Schwartz (2010, 2011) coloca na intercessão filosofia-ergologia-formação. O pressuposto do autor é de que a experiência consiste na sedimentação instável da atividade de/em um corpo-si: um corpo que vive, um corpo que sente, um corpo que pensa. Um corpo feito em condições históricas, feito em condições da natureza, feito em condições subjetivas. Um corpo singular.

Atividade, para Schwartz (2010, 2011), é o que se passa no corpo-si quando, em dramática do seu próprio uso em um meio de vida, é forçado a fazer escolhas quando está entre normas próprias e normas sociais. As normas do meio o fazem infiel à vida; um meio que impõe controle, restrições e limites que são, ao mesmo tempo, exigência de sentir e pensar diferente, para que o corpo-si possa continuar a viver.

As escolhas feitas pelo corpo-si configuram-se como renormalizações conscientes e/ou inconscientes, ou seja, configuram-se como transformação e criação de normas, de valores e de saberes, para poder agir e continuar a viver. Assim, a atividade, as renormalizações se sedimentam no próprio corpo-si e ficam sujeitas a outras renormalizações exigidas em situações diferentes. Ao renormalizar, o corpo-si faz suas as normas do meio, cria seu estilo, seu modo de agir, imprime sua assinatura nas condições singulares do encontro. Do encontro com e no meio.

Assim, contando com Schwartz (2010, 2011), entende-se a experiência como encontro do sujeito com outros sujeitos, com normas, com valores, com saberes, com poderes, com práticas que constituem um meio de vida, como o trabalho, por exemplo. Desse modo, a experiência é encontro de encontros no qual o corpo-si, o sujeito, se aventura e produz certas condições subjetivas e objetivas que o preparam para novas experiências que, por sua vez, nunca podem ser repetidas nem controladas por antecipação.

Há uma dimensão da experiência, portanto, que não pode ser controlada nem pelo mais rigoroso planejamento. Inclusive no trabalho docente, em geral, antecipado por modelos e práticas sem vida que, ao encontrarem vida em situação de trabalho, exigem mudanças, ainda que ínfimas.

Aqui, vale a pena contar com Jorge Larrosa, que alerta: em educação é preciso valorizar a experiência como acontecimento, ou seja, sem fazer dela objeto ou conceito, sem confundi-la com experimento, com controle de variáveis, com acúmulo de saber ou com repetição de práticas. O autor sugere manter a experiência

viva como receptividade, abertura, disponibilidade: “esse princípio de paixão [atividade na passividade], onde se revela a ignorância própria e possibilita o devir” (Larrosa, 2015, p. 41-42).

Do pensamento de Larrosa retém-se o sentido de que a experiência possibilita e exige atenção, cuidado, cultivo do pensar. Tudo pode ser criado e todos(as) podem criar(-se) no acontecer da experiência, que, complementa-se, se prolonga (acontece, passa e permanece) na vida e na história.

Exposta a perspectiva de que experiência é um acontecimento que se passa no encontro de um corpo-si ou sujeito com um meio de vida que o força à atividade, faz sentir, faz pensar, faz fazer, consciente e/ou inconscientemente, saberes, valores e normas, pode-se contar com Kohan (2003), agora, para expor um sentido à experiência do pensar, mais especificamente.

O filósofo argentino, por sua vez contando com Heidegger, oferece a noção de que pensar é aprendizagem de quem experimenta pensar, já que ninguém pode acessar o pensar de outro(a) nem, muito menos, pensar por outro(a). A experiência do pensar, assim, se faz aprendizado quando se atende, dá atenção, cuida, cultiva, desenvolve (n) o que provoca o pensar.

Já contando com Deleuze, Kohan (2003) esclarece que o que provoca o pensar não é o próprio pensamento, mas algo que lhe é estranho, exterior. Matéria estrangeira, aquilo com que se deve aprender para pensar, como diz Schwartz (2008), leitor de Canguilhem. Algo que espanta. Desconhecido, indeterminado. O que ainda não foi pensado. Um vazio de sentido, para Deleuze (1992).

Ainda contando com Deleuze, Kohan (2003) oferece a noção de que o que provoca o pensar é um signo: uma palavra, um gesto, um olhar; um verso, uma melodia, um objeto escolar, um objeto doméstico, científico ou artístico. Uma fotografia, um desenho, uma pintura. Uma pessoa, um sentimento. Um acontecimento. A experiência do pensar acontece no encontro com o não pensado que se coloca como problemático do ponto de vista do sentido.

Contando, agora, com Schérer (2005), que também conta com Deleuze, é possível dizer que a experiência do pensar é um aprender a pensar que começa no vazio, sem nenhuma estrutura predeterminada por uma imagem antecipada do pensamento nem de um eu que pensa. Se for assim, como e quando se sabe que se está a pensar?

Contando com Deleuze (1992), pensar é ter ideias, criar ideias, fazer ideias. Ter ideias próprias, originais, novas, singulares. Ideias, por outro lado, não são criadas do nada. Há que se estar preparado(a): ensaiar, experimentar, aventurar-se no domínio de um problema e dispor de técnicas, de conhecimentos e de outros elementos, para criar e expressar ideias.

Assim, por exemplo, um(a) artista cria perceptos e afectos, que são ideias criadas como desmaterialização de percepções e sentimentos. Em um plano de composição, procura expressar no finito da imagem, da pintura, do verso etc., o movimento infinito do pensar (e do sentir). De outro modo, filósofos criam

conceitos, isto é, ideias que, em um plano de imanência, procuram conservar o movimento infinito do pensar.

Experimentalizar pensar é essa aventura de ensaiar, essa atividade de criar e expressar/expor ideias em domínio diversos, que se influenciam mutuamente: arte, filosofia e ciência, contando com Deleuze (1992).

3 ENSAIAR: ABERTURA A UM TEMA

O ensaio é mais tateante que certo, mais investigativo que conclusivo, mais reflexivo que determinante, mais sugestivo que assertivo, mais experimental que coercitivo. É um espaço para a dúvida curiosa que procura, sem saber bem como: sem se fiar nem em um eu subjetivo nem em uma disciplina objetiva (Duarte, 2016, p. 3).

Contando com Duarte (2016) – e com Adorno (2003) e com Larrosa (2003) e com Lukács e (2017) –, ensaiar é pensar, cogitar, aproximar(-se) de um tema sobre o qual não se tem domínio (pois são os(as) autores(as) que estão no domínio do tema-problema), sobre o qual não se tem certezas, sobre o qual não se tem um saber pronto e acabado. Um tema ao qual se abre pela problematização, pela busca de sentido.

De certa maneira, contando com Juliana Merçon (2011), que conta com Foucault, entende-se que ensaiar é experimentar no sentido de aventurar-se no tema-problema sem que se esteja preso a verdades já dadas, a normas pré-estabelecidas, a um eu que não pode se fazer diferente.

Voltando a contar com Adorno (2003) e com Lukács (2017), ensaiar é pensar e expressar o pensamento no singular sobre o singular. Singular e transitório. Como diz Adorno (2003, p. 21), “o ensaio não almeja uma construção fechada, dedutiva ou indutiva”. Isso porque o ensaio é um modo de expressar o pensamento em movimento. Um modo de reconhecer a historicidade e o inacabamento dos conceitos e das verdades.

Adorno (2003, p. 17) sugere que o ensaísta começa o ensaio “sobre o que deseja falar, diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde sente ter chegado ao fim”, mesmo que o tema, em si, não tenha sido esgotado. Mesmo que o problema não tenha sido solucionado, mas apenas tenha sido colocado, emenda-se.

Ensaíar é abrir-se a um tema-problema à medida em que se abre o tema para si e para outros(as). Abrir-se ao tema que, na própria vida, se coloca como problema e provoca o pensar, como afirma Lukács (2017): as questões que animam os(as) ensaístas são questões colocadas diretamente à/pela vida.

Experimentalizar pensar e expressar o pensamento, assim, se faz profundo porque se aprofunda no tema-problema da vida, mas não porque, por meio de um método, reduz a vida a uma coisa, a um objeto. Ao ser pensado, o tema-problema faz quem pensa e quem pensa se faz tema. Vive o tema. No caso da formação docente, o tema vital da educação, do educar e seus componentes.

Conta-se, aqui, com Lukács (2017, p. 8): “ensaio fala sempre de algo já formado, ou ao menos de algo que já existiu; é, portanto, próprio de sua essência não retirar coisas novas de um nada vazio, e sim apenas reordenar aquelas que já foram vivas alguma vez”.

No experimentar pensar e expressar o pensamento, verdades são construídas. Contudo, tais verdades, expostas como eternas, só podem ser tomadas historicamente, singularmente. São atualizadas, deslocadas, deformadas, transformadas, contando com Deleuze (1992).

Ao contar com Adorno (2003, p. 29), novamente, nota-se que “o ensaio exige, ainda mais que o procedimento definidor, a interação recíproca de seus conceitos no processo de experiência intelectual”. De modo que as verdades ganham tanto mais precisão em um plano conceitual ou em uma composição de ideias.

Pensar e expressar o pensamento, desse modo, é como compor. A densidade da composição está diretamente relacionada com a fecundidade do pensar que, por sua vez, está diretamente relacionada com o que já se disse e com o que ainda não foi dito sobre o tema-problema. Na composição surgem possibilidades de pensar e de dizer de outra maneira, de pensar e de dizer algo novo sobre o tema-problema ao qual o(a) ensaísta se abre.

4 ENSAIAR: ABERTURA A UM TEMPO

Um ensaio é produto do ensaiar, foi dito antes. Ensaiar é viver. É atividade na qual se produz ensaio. De um lado, é experimentar no sentido de sofrer, passivamente, acontecimentos que provocam o pensar, e aventurar-se em expressar o pensamento. De outro lado, ensaiar é preparar-se para o que está por vir, mesmo que o que está por vir não venha.

Ensaiar é a experiência de contar o que acontece, aqui e agora, de tal modo que o produto, o pensamento e a escrita permaneçam disponíveis para outras aventuras do pensar e escrever. Um estoque. Uma caixa de ferramentas. Um patrimônio para si e para qualquer outro(a) que tenha acesso aos produtos.

Pensar e expressar o pensamento são atividades que, entretanto, não começam nem terminam no próprio ensaio, para quem pensa e expressa o pensamento, já que, ao contar o que acontece, o(a) ensaísta liga o acontecimento a outras experiências e a experiências de outros(as).

Adorno (1995) chama a atenção de que elaborar a experiência passada não significa se livrar dela. Ao contrário, significa torná-la presente para sempre. Contando com Adorno (1995), entende-se que não há passado nem futuro na experiência de pensar e expressar o pensamento. O que se passa na própria experiência de pensar e expressar o pensamento não aconteceu antes e nem se repetirá. Não será corrigido nem aperfeiçoado. Não será melhorado. Não evoluirá. Não se desenvolverá. Pensar novamente é outro pensar. Expressar novamente é outra expressão. São outras experiências a cada vez. E cada uma, paradoxalmente, permanece.

Entende-se que experimentar pensar e expressar o pensamento está fora do tempo, contando com Giorgio Agamben (2010) que, ao produzir sentido ao contemporâneo, afirma que contemporâneo é o sujeito que consegue sair do seu tempo e estabelecer relação de fora com o presente. Contemporâneo é aquele que se separa do presente para poder percebê-lo e apreendê-lo de fora. Aqui e agora, o tempo é um só. E é múltiplo. Não há tempo. Ensaiar é atualizar um tema-problema.

Sair do presente abre a possibilidade de integrá-lo a outros tempos e ler a história com ineditismo. Ler a história como fonte de possibilidades para o presente. Ler uma história em que o passado ainda acontece e o futuro já está acontecendo, aqui e agora. Ler a história como experiência que outros(as) viveram, fizeram e a cuja narrativa o ensaísta pode se juntar, para encontrar alternativas aos desafios de pensar e expressar o que se passa na própria experiência.

5 ENSAIAR: ABERTURA A OUTROS(AS)

O(a) ensaísta pensa a partir de obras de outros(as) (Duarte, 2016, p. 2).

Se experimentar pensar e expressar o pensamento exige abertura a um tema-problema e às possibilidades de pensar e expressar criadas historicamente, ao mesmo tempo exige abertura a outros(as) pensadores(as)-escritores(as) tanto quanto a outros(as) sujeitos falantes, pintores(as) etc. Contando-se com Adorno (2003) e com Larrosa (2003), o ensaísta é um leitor que escreve.

Contando, agora, com Duarte (2016), experimentar pensar e expressar o pensamento exige saber o que outros(as) já disseram sobre o tema-problema em outros momentos, em outros lugares, a partir de outras experiências. Ensaiar é expressar (junto) com outros(as), para outros(as), o que se passa no pensar de quem pensa.

Por exemplo, ao contar com Adorno, Duarte (2016) concebe o ensaio como uma atitude infantil, elemento de fantasia em que o(a) autor(a) não esconde o seu entusiasmo com aquilo que outros(as) disseram, ao deixar transparecer, no que expressa, o sentimento que brota a partir do que é dito por outros(as) sobre um tema, sobre um acontecimento, sobre uma situação que o(a) toca, que provoca, que exige pensar. E contando com o mesmo Adorno, Larrosa (2003) afirma que, no ensaiar, transparece a emoção, o riso, o tédio, a tristeza que surge da leitura do(a) outro(a).

Na experiência de pensar e expressar o pensamento, trata-se de tomar para si mesmo(a) a experiência de outros(as) de modo que se possa senti-la na singularidade, fora do tempo, contada e expressa por cada um(a) dos(as) outros(as) com quem se conta. Trata-se de colocar a própria experiência junto às experiências de outros(as). Trata-se de experimentar com outros(as); integrar-se ao movimento do pensar e atualizar o tema-problema na intercessão com outros(as) autores(as) e na intercessão de domínios do pensar, aqui, contando com Deleuze (1992).

Para Deleuze (1992), os intercessores são aquilo com que o sujeito se encontra (objetos, plantas, pessoas) e o faz pensar, ter ideias, criar. Ao se referir a própria intercessão com Félix Guattari, ele afirma que “cada um compreende à sua maneira a noção proposta pelo outro [...]” (Deleuze, 1992, p. 157), porém, desde que o outro tenha dito o que é interpretado pelo primeiro, para que se possa dizer o que o outro(a) mesmo(a) não pode dizer.

No que se refere ao encontro com outros(as) autores(as), intercessão não quer dizer que um siga, reproduza ou imite os(as) outros(as). A intercessão significa estar entre! Estar com! Pedir, capturar, roubar para fazer uso próprio. Roubar para colocar em outro lugar. Roubar de outro(a) para si e/ou para oferecer a um(a) terceiro e, na passagem, falsificar: “essas potências do falso é que vão produzir o verdadeiro, é isso os intercessores” (Deleuze, 1992, p. 157).

Se, por um lado, pensar e expressar o pensamento é contar com outros(as), por outro lado, é contar a outros(as) o que se passa com quem pensa: disponibilizar a própria experiência para que outros(as) possam pensar e expressar as suas.

Ensaiair é uma tentativa de fazer com que o que se passa salte de um(a) a outro(a)(s). Ou simplesmente salte de um(a), fazendo com que a experiência salte ao mundo. E, saltando, possa oferecer(-se) a outros(as). Pensar e expressar o pensamento é levar a própria experiência a experiências outras, de outros(as).

Veja-se que, quando Montaigne (1987) ensaia sobre o medo, por exemplo, não reduz a expressão do medo à descrição do que aconteceu com o próprio ensaísta, pois o que o filósofo francês conta se estende até a possibilidade de afirmar uma verdade sobre o medo, cujo critério é a experiência do medo, à revelia de quem o experimenta. A experiência de pensar e expressar o medo não pode ser confundida, entretanto, com a experiência de sentir medo. São experiências de naturezas diferentes, ainda que diretamente relacionadas. Ao ler Montaigne (1987) pode-se fantasiar, imaginar, compreender, interpretar o próprio medo graças ao que ele diz sobre o medo e graças ao medo que o(a) leitor(a) sente. Contudo, não se pode sentir o medo que Montaigne sentiu. Pode-se dizer o medo com o filósofo, mas não é possível sentir o mesmo medo que ele sentiu.

No pensar e expressar o pensamento como experiência, o(a) ensaísta pode dizer o que outros(as) disseram, para dizer o que ele(ela) mesmo(a) tem a dizer, mas não para dizer o mesmo que os(as) outros(as) e nem para controlar o que outros(as) poderão dizer.

6 ENSAIAR: ABERTURA AO DEVIR

“Ensaiair é essa volta que não regressa jamais”, escreve Skliar (2011). Contando com ele, entende-se que experimentar pensar e expressar o pensamento se faz como um passeio. Como uma viagem. Um movimento sem volta, um abandono ao devir. (Trans)formar-se, tornar-se outro(a), diferenciar-se de si mesmo(a). Sim, pois, no ensaio, pode-se viver as próprias potencialidades.

Pensar e expressar o pensamento, assim, além de atualizar um tema-problema, atualiza quem ensaia, quando a vida está sendo tocada. Ensaiar atualiza o(a) ensaísta na medida em que o(a) coloca em atividade sobre si mesmo(a). Leva a um encontro com a história e com a diversidade de pensamentos, com as experiências de outros(as) que o(a) forçam a se diferenciar do que vinha sendo antes dos encontros.

Pensar e expressar o pensamento é expor(-se) (n)o que se passa, de modo que as possibilidades criadas para dizer um sentido ao tema-problema se multipliquem, provocam Larrosa (2015) e Skliar (2011). Isso quer dizer que, para pensar e expressar o pensamento, vale a pena:

- Fazer da palavra outra linguagem;
- Fazer da palavra outra, linguagem;
- Fazer da palavra, outra linguagem.

Afiar a palavra. Inventar a palavra. Fazer da palavra de outros(as), palavra própria. Contudo, sem apagar, sem calar a palavra já dita por outros(as).

Ensaiar não é fazer ciência nem arte. Nem ciência da arte (Lukács, 2017). Melhor dizendo: ensaiar é fazer ciência e arte ao mesmo tempo, já que no ensaio o que se busca é uma verdade expressa como experiência. Trata-se de eternizar o efêmero; universalizar o singular; desmaterializar o empírico; fazer do contingente uma necessidade. Ou seja, ao ensaiar, busca-se uma verdade com o rigor da razão e expressa-se com a delicadeza da sensibilidade e da vida. Contando, novamente, com Lukács (2017, p. 9), “é certo que o ensaio aspira à verdade: mas [...] o ensaísta, que realmente está em condições de buscar a verdade, encontrará ao fim de seu caminho o objetivo não buscado, a vida”.

Contando com Skliar (2011) e Duarte (2016), que, por sua vez, contam com Adorno (2003), situa-se o ensaio entre a ciência e a arte. Para eles (e agora para todos nós), ensaiar é uma aposta na singularidade da experiência como critério de veracidade.

Pensar e expressar o pensamento é contar o que se passa a outros(as). Para contar a outros(as) é preciso contar com outros(as), já foi dito, antes. É preciso sair de si mesmo(a). É preciso afastar-se de si mesmo(a). Evitar um “eu” determinado, diria Deleuze, contando, aqui, com Schérer (2005).

Contando com Timothy O’Leary (2008), que conta com Foucault, para contar a outros(as) o que se passa na experiência do pensar há que elaborar(-se). O’Leary (2008) refere-se ao conceito de experiência-limite, que diz respeito àquelas experiências que arrancam o sujeito de si. Separam-no de si mesmo(a) de tal maneira que o(a) sujeito não possa continuar a ser o que era antes.

Se ensaiar for uma experiência-limite, pode levar quem pensa e expressa o pensamento a não ficar passível diante do que acontece consigo mesmo(a). E ensaiar sempre pode ser uma experiência-limite. Ou seja, pensar e expressar o pensamento é buscar-se e buscar sentido à vida, colocando-se em diálogo com a experiência

histórica, singularizada na expressão de outros(as), com os(as) quais o(a) ensaísta se encontra na sua própria singularidade. É abertura ao devir.

7 PENSAR E ESCREVER SEM TER FIM

O plano conceitual exposto ao longo do texto permite dizer que quem experimenta pensar e expressar o pensamento está a experimentar-se como pensador(a)-escritor(a). Experimenta-se como docente à medida em que dá vida ao que aprende para ensinar. O ensaísta está se entregando a encontros e possibilidades de construir um estilo de docência no encontro com outros(as).

A provocação à escrita ensaística no processo formativo pode contribuir para a criação e para o desenvolvimento de pensamentos e formas de expressão menos rígidas do que os modelos de pensar e de escrever acadêmico-científicos mais comuns. Ou seja, em meio às normas do pensar e escrever que antecipam a experiência formativa e a experiência profissional, docentes em formação inicial, em atividade de pensar e expressar o pensamento, podem encontrar alternativas próprias para fazer a docência.

Ensaíar, como expressão de um pensar livre, contudo, exige pesquisa científica e sensibilidade artística, para expor conceitos aprendidos e criados com autonomia e autenticidade, sempre respeitando e valorizando o que já foi pensado e dito por outros(as), pois é contando com outro(as) que se percebe o que ainda não foi dito e encontra-se possibilidades de dizê-lo tanto quanto encontra-se possibilidades de dizer de outra maneira o que já foi dito por outros(as). Desabendo-se que, no ensaio, não se dirá tudo.

Para criar uma docência que dá vida ao ensino e provoque discentes a pensar junto, há que se preparar. Há que se estar no domínio de um tema-problema que exige conhecimentos, técnicas e instrumentos prontos com os quais se pode produzir novos conhecimentos, inventar outras técnicas e instrumentos na própria experiência de pensar e expressar o sentido do que se aprende e do que se vai ensinar.

Desse ponto de vista, ensaiar pode ser um modo de preparação para o fazer docente. Um fazer que se faz de encontros marcados por relação aberta, em que docentes e discentes fazem, experimentam a arte, a ciência, a filosofia, especificamente ou integradas em problemas vitais. Um fazer que provoque outros(as) docentes e discentes a pesquisarem juntos(as) e dizerem o que pensam sobre os objetos de ensino e de aprendizagem desde suas vidas.

A experiência do pensar e expressar o pensamento pode contribuir na formação de uma docência singular, que renormaliza modelos, padrões e normas que a antecipam e limitam seu fazer.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor. O que significa elaborar o passado. In: ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. Tradução de Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995. p. 29-50.
- ADORNO, Theodor. O ensaio como forma. In: ADORNO, Theodor. **Notas de literatura I**. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo, Editora 34, 2003. p. 15-45.
- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2010. p. 55-73.
- DELEUZE, Gilles. Os intercessores. In: DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pal Pelbart. 5. reimp. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 151-168.
- DUARTE, Pedro. O elogiável risco de escrever sem ter fim. **Jornal Folha de São Paulo**, 28 fev. 2016. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/02/1743666-o-elogiavel-risco-de-escrever-sem-ter-fim.shtml>. Acesso em: 12 jun. 2016.
- KOHAN, Walter Omar. A infância de um pensar (Gilles Deleuze). In: KOHAN, Walter. **Infância: entre a Filosofia e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. p. 207-235.
- LARROSA, Jorge. O Ensaio e a Escrita Acadêmica. **Educação & Realidade**, v. 28, n. 2, 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643>. Acesso em: 18 mar. 2026.
- LARROSA, Jorge. **Tremores**. Escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes e João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2015. p. 35-56.
- LUKÁCS, Georg. Sobre a essência e a forma do ensaio: uma carta a Leo Popper. Tradução de Mario Luiz Frungillo. **Revista UFG**, Goiânia, v. 9, n. 4, 2017. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48186>. Acesso em: 16 mar. 2026.
- MERÇON, Juliana. A experiência do filosofar e o filosofar como experiência. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação** (RESAFE), n. 2, 2011. DOI: 10.26512/resafe.v0i2.3910. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/resafe/article/view/3910>. Acesso em: 16 set. 2022.
- MONTAIGNE, Michel de. Do medo. In: MONTAIGNE, Michel. **Ensaaios**. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. p. 41-42.
- O'LEARY, Timothy. Foucault, Experience, Literature. **Foucault Studies**, n. 5, p. 5-25, jan. 2008. DOI: 10.22439/fs.v0i5.1407. Disponível em: <https://rauli.cbs.dk/index.php/foucault-studies/article/view/1407>. Acesso em: 12 jun. 2016.

SCHÉRER, René. Aprender com Deleuze. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 93, p. 1183-1194, set./dez. 2005. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/GmQZtY6nDyzP9TZFxPZzZtb/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 23 nov. 2025.

SCHWARTZ, Yves. O trabalho em uma perspectiva filosófica. In: IZUKI, N. (Org.) **Educação e Trabalho**: trabalhar, aprender, saber. Campinas: Mercado de Letras; Cuiabá, Editora da UFMT, 2008. p. 23-46.

SCHWARTZ, Yves. A experiência é Formadora? **Educação e Realidade**, v. 35, n. 1, p. 35-48, jan./abr. 2010.

SCHWARTZ, Yves. Qual sujeito para qual experiência? **Tempus - Actas de Saúde Coletiva**, Brasília, v. 5, n. 1, p. 55-67, 2011. Disponível em <https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/916>. Acesso em: 10 jun. 2015.

SKLIAR, Carlos. Ensayar. In: SKLIAR, Carlos. **Lo dicho, lo escrito, lo ignorado**. Ensayos mínimos, entre educación, filosofía y literatura. Buenos Aires: Miño Y Dávila, 2011. p. 121-129.